



# II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

## **PICHAÇÃO: a resistência comunicativa na urbe**

**Ursula Betina Diesel<sup>1</sup>**

Resumo: Pichações são comunicações transgressoras. Expressam a dinâmica urbana sem se submeterem à opressão da comunicação só para o consumo e a transferência informativa. Marcam espaço e tempo. Chamam para a ação e para a expressão do ser, poético e político.

Palavras-chave: pichação; cidade; comunicação; resistência.

Nesta etapa dos estudos, a proposta é compreender a pichação como ressignificação da comunicação enquanto ato político, de ser no mundo. A vivência urbana, já por presumir a aglomeração, pode favorecer o contato, a proximidade, a percepção da coletividade e da interdependência. E em comunicações via pichações, é necessário estar naquele lugar e naquele tempo para interagir, ocupar espaço e tempo. Assim, pergunto: qual seria a diferença nessa forma de comunicar? De que modo a pichação ressignifica o ser no mundo? Quando há tantas opções<sup>2</sup> para manifestar-se, por que usar a pichação?

Neste momento do percurso, os principais objetivos são revisar referências teóricas pertinentes aos conceitos de pichação, cidade, espaço urbano, comunicação e estruturar a reflexão sobre a pichação como comunicação urbana de resistência via o olhar semiótico, ou seja, na compreensão das relações constituintes dessa semiose, de que a pichação é constituída e constituinte.

O percurso metodológico é de perspectiva qualitativa, de reflexão epistemológica, com base semiótica de vertente peirceana e latino-americana (calcada nos olhares de Echeverría e de Russi, entre outros) portanto, revisão bibliográfica. Importante lembrar que a pesquisa ainda se encontra em estágio inicial; portanto é prematuro falar de procedimentos. Por hora, trilha-se um percurso de estudo, questionamentos, elaboração, no ensejo de proceder a abduções, o “e se...?” motor da pesquisa. Inclusive, cogitando “e se pichadores compreendem esse processo de outro modo?”, em etapa posterior do estudo pretende-se entrevistar

<sup>1</sup> Doutoranda no PPG da UnB, em Teorias da Comunicação. Orientador: Pedro Russi. [ursuladiesel@gmail.com](mailto:ursuladiesel@gmail.com).

<sup>2</sup> Mais leves: em outro momento da tese, exploramos a abordagem de Innis sobre meios pesados e leves.



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

pichadores e acompanhar produções.

No viés teórico, pichação<sup>3</sup> é o termo aqui usado para demarcar a inscrição urbana como ato subversivo. Enquanto perspectiva histórica, a contextualização no âmbito das lutas pela ruptura de poderes instituídos é marco da consolidação da pichação como elemento urbano. (SILVA, 2006) O que condiz com a perspectiva de Santos, do espaço como “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações.” (2006, p. 12) Tanto o que compõe a cidade quanto as relações entre tais elementos são ambiência urbana. O espaço urbano demarca-se pelo aglomerado, mas em espaços de recolhimento e espaços de compartilhamento e ação. Então por que estranhemos pichações mas naturalizamos imensas construções, *outdoors*, placas, *banners*? Ferrara (2012) aborda a paisagem urbana como imagem da cidade, um capital simbólico, já que o aspecto funcional é superado pelo comunicativo. Destaca aí o interativo como o estabelecer vínculos. Isto é interferir. A publicidade interfere. Mas a assimilamos com naturalidade. Já faz parte da urbe. As pichações também caracterizam esse ambiente, mas não são assim aceitas. Percebemos que interferem, mas são marginalizadas. Aí reside sua potência, em serem transgressoras, pois falam contra a lógica instituída como normal. Nomes da semiótica latino-americana como Echeverría (2011), Russi e Correa (2014) fornecem elementos sobre as relações entre o ser político e a ambiência urbano-capitalista, expressas via pichações como semioses dessas tensões. São produzidas, reconhecidas e ressignificadas (PEIRCE, 2000).

Transgredir é comunicar. É o que fazem as pichações. Parecem propor e ressignificar a comunicação como transformação, em oposição àquela predominante, a de transferência. Pichações não são simples suportes pois envolvem ação e intenção entre consciências. Como diz Russi: “*debemos comprender que el grafiti es sujeto, no porque fue hecho por alguien, sino porque resulta y provoca operaciones de sentido (semiosis), más allá de saber quién fue el autor o la intención allí embutida.*” (2015, p. 39) Logo, não se trata de um simples traço estético, ou seja, de uma questão de forma, mas das relações por ali constituídas, isto é, da

3 Optamos por não utilizar aqui o termos mais universal, *graffiti*, que remete à questão estética e à arte, universos não discutidos nesta etapa do estudo. Entende-se pichação, aqui, como qualquer registro não autorizado feito em ambiente urbano.



# II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

semiose.

## Referências

- CORREA, Laura G. **Pixo, arte de rua, publicidade**: entre tensão, apropriação e resistência. In: CASTRO, P. C., FAUSTO NETO A., HEBERLÊ, A. et al (orgs.) **A rua no século XXI** – materialidade urbana e virtualidade cibernética. Maceió – AL: EDUFAL, 2014.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. **Cultura y Barbarie**. Presentado en el Coloquio: Cultura contra Barbarie, en la Mesa: Cultura, Identidad y Política. México: UNAM, 2011.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As mediações da paisagem. In: **Líbero** – São Paulo – v. 15, n. 29, p. 43-50, jun. de 2012.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RUSSI, Pedro. **Grafitis** – Trazos de imaginación y espacios de encuentros. Barcelona: Editorial UOC, 2015.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo. Razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2006.
- SILVA, Armando. **El grafiti como parte de los imaginarios urbanos**. In [www.alonsogil.com%2Ftextos-articulos-3%2Farmando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos](http://www.alonsogil.com%2Ftextos-articulos-3%2Farmando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos), 2006.